Ano III — Guimarães, 9 de Maio de 1918 — Número 131

VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — *Custódio dos Santos Lima Guimarães*

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, sem estampilha	1$20
Semestre, idem	$60
Ano, com estampilha	1$50
Semestre, idem	$75
Africa e Brasil, por ano (moeda forte)	2$25
Número avulso	$04

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 46 (antiga rua de Santa Maria)

PUBLICA-SE ÁS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anuncios e comunicados, por linha	$04
Repetição dos mesmos	$02

Anuncios permanentes, contracto especial.
As obras literarias anunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.
Os autógrafos, sejam ou não publicados, não se restituem.

Onde se viu similhante Presidencialismo?

Logo após o triunfo do movimento de 5 de Dezembro, a Junta revolucionária apressou-se a proclamar ao país inteiro e às nações estranjeiras (para que não podesse haver dúvidas sôbre as suas intenções) que o fim da revolução tinha sido, tão sómente, arrancar ao democratismo o monopolio do poder e introduzir na Constituição o princípio da dissolução, restituindo-se por esta fórma a vida politica da nação ao seu funcionamento normal. Dai resultaria poderem resolver-se todos os conflitos políticos pela via legal sem o recurso aos meios revolucionários.

Estas declarações foram optimamente recebidas pela grande maioria do país—até por grande parte daquêles mesmos contra quem a revolução tinha sido feita! E desde logo o sr. Sidónio Pais passou a ser o homem da situação, tanto mais que tinha a apoiá-lo francamente um dos partidos republicanos constitucionais.

Veiu a destituição do sr. Bernardino Machado e a nomeação do sr. Sidónio Pais como *Presidente da República* e não simples presidente do Govêrno Provisório. Embora a maioria da opinião republicana fôsse favorável à manutenção do Presidente para que a perturbação fôsse reduzida ao mínimo, aceitou-se a destituição como um mal necessário, resultante da irredutibilidade manifesta pelo ex-Presidente.

O decreto, porém, do sr. Sidónio nomeando-se a si próprio Presidente da República (coisa que não se tinha feito a seguir à revolução de 1910) chocou a opinião republicana. Não se levantaram vozes discordantes na imprensa que então apoiava o sr. Sidónio Pais, *porque se lhe finha aberto um largo crédito*, mas não deixou de se revelar um certo mal estar nas conversas particulares, aqui e ali, onde se comentaram os acontecimentos, quere dizer—em toda a parte; mas estava-se na hora das grandes esperanças e tudo isto foi *envolado* nas aclamações, que acolhiam o sr. Sidónio Pais à sua passagem!

* * *

Eis, porém, que na imprensa começa a correr o boato de que se pensava em substituir o sistema parlamentar pelo presidencial. Era um movimento de opinião pública?

Se assim fôsse, nada havia que censurar, pois os movimentos da opinião pública é que dominam a política das nações — e se dela saisse uma Assembléa Constituinte que estabelecesse a República Presidencial, ninguem poderia acusar de burla os que tinham declarado (para que os ouvissem o país e as nações aliadas) *que o fito da Revolução de 5 de Dezembro tinha sido apear a demagogia e introduzir a norma da dissolução na Constituição existente.*

Não se tratava, porém, de um movimento de opinião pública. Foi do próprio Govêrno, de individuos que tinham feito parte da junta revolucionária que partiu a ideia do Presidencialismo. E, todavia, tão largo tinha sido o crédito aberto ao sr. Sidónio Pais, que se aceitou de boa mente que êle tivesse sido *tocado* do milagre da estrada de Damasco e que, em tão curto prazo, subitamente aparecesse convertido ao sistema presidencial. Admitia-se que êle iria, com toda a lialdade, *agitar a questão na imprensa, em conferências, em reuniões públicas*, a fim de que a opinião pública podesse formar-se e manifestar-se, estabelecendo uma plataforma eleitoral bem definida para a eleição do futuro Congresso.

Muita gente o acreditou e na «Luta» o sr. Camacho, com o seu largo espirito de tolerância, ergueu uma tribuna aberta aos que quizessem defender um ou outro sistema.

Não tardou, porém, que se reconhecesse, em toda a evidência, que não era o presidencialismo que se pretendia substituir ao parlamentarismo mas sim um regime que, em todos os tempos, se chamou *Cesarismo* e que no caso presente poderemos alcunhar de *presidentismo*.

Os sistemas de regime republicano variam na estrutura e nas relações recíprocas dos orgãos do Estado, mas todos êles, qualquer que seja a sua fórma (parlamentar, presidencial, directorial ou convencional) teem de comum uma caracteristica,—que lhes é essencial: *a primazia do órgão legislativo.* Sim, o presidente pode ter muitos ou poucos poderes; o executivo e o legislativo podem estar mais ou menos separados; os ministros podem ser responsáveis perante o Parlamento ou perante o Presidente. Em qualquer dos casos, quem atribue aquêles podêres, quem estabelece aquelas relações e aquelas responsabilidades *é o órgão legislativo investido na sua função constituinte.*

Ora o sr. Sidónio Pais fez-se eleger Presidente antes de a assembléa legislativa *ter resolvido* sôbre a fórma de eleição presidencial; organizou êle próprio, a seu bel-prazer, os podêres do Estado, deixando ao órgão legislativo apenas a função de chancelar o que êle decretou. Assim, a primazia passou do órgão legislativo para o executivo. Precisamente o inverso do que carateriza os regimes republicanos!

Onde se viu similhante «Presidencialismo»?

CURIOSISSIMO

Entre os episódios engraçados do acto eleitoral do dia 28 de Abril, destaca-se um, que deu no gôto a muita gente e que na riafidade é duma pilhéria inexcedível. Imagine-se que um grupo numeroso de monárquicos, entre os quais uns oito ou nove padres, assumiu a tarefa de, *sem abdicar das suas convicções*, recomendar aos eleitores, *mesmo republicanos*, a chapa monárquico-republicano-católica, pedindo não só que votassem as respectivas listas, mas também que as fizessem votar pelos seus amigos!!!

Nessas listas figuravam, pelo menos, dois ateus. Pois os sinatários do convite à valsa, pessôas muito fementes a Deús, algumas inscritas nos registos do Centro Católico, não duvidaram inculcá-los como os *mais dignos*, para no parlamento defenderem a causa... de que êles são adversários irredutiveis! E aí daquêles que não acudirem ao apêlo! Irão direitinhos para as profundas do inferno, porque... não votaram em quem na existência do inferno não acredita, como não acredita em coisa alguma que com o sobrenatural se prenda!...

São únicos! Se não existissem, era preciso inventá-los.

Aquela de virem os monárquicos recomendar nomes republicanos a velhos republicanos, já era de se lhe tirar o chapeu; porém, a outra, a de os *católicos* patrocinarem e preconizarem candidaturas de ímpios confessos... essa é de morrer a rir!

Positivamente, estamos no fim do mundo!...

Bem diz o integralista R. P. quando afirma que os *puros* lançam os principios às ortigas com a maior facilidade desta vida.

(Do *Minho*, de Viana do Castelo).

Aniversários registáveis

Fazem anos, desde o dia 10 a 17 do corrente.

As ex.mas sr.as:

Dia 11—D. Maria Delfina da Rocha Brito.
» 16—D. Rita Martins Ribeiro de Moura Machado.

E os srs.:

Dia 11—Luís Gonzaga Pereira.
» 15—Gaspar Ribeiro da Silva Castro;
» »—João de Faria e Sousa Abreu.

A ditadura constitucional e a abstenção eleitoral

(Conferência do sr. dr. Mesquita Carvalho no Centro Republicano Evolucionista de Lisboa)

(CONTINUAÇÃO)

Lendo nos jornais o pormenorizado relato dos episodios dessa triunfal digressão, feito por testemunhas presenciais que s. ex.ª para o efeito levára na pomposa comitiva, não é dificil adivinhar que devia ter sido em Guimarães, berço heroico da monarquia, onde o sr. Sidonio Pais sentiu os primeiros estremecimentos alucinantes do seu império pessoal. Aí, enquanto que ao ministro da instrução a figura debil e apoucada do sr. Sidónio Pais lhe fazia segredar ao correspondente de um jornal estrangeiro que êle recordava *une Jeanne d'Arc en moustaches* —lisonja traduzindo uma irreverência de mau gôsto para com a poética e heroica *Pucele de Orleans*;— aí, o sr. Sidónio Pais, perturbado pela vertigem do fragor das aclamações, ao defrontar a estatua colossal do corpolento e esforçado obreiro da nacionalidade, verificou, atónito, que se apagavam nela os traços de Afonso Henriques para surgir em nitido contorno a sombra de Napoleão.

Como nas transmutações mágicas de uma pelicula cinematográfica, o forte arcabouço do rude fundador da monarquia reduzia-se à silhueta franzina e nervosa do enérgico defensor de Toulon; o seu perfil másculo de guerreiro antigo adquiria a feição glabra e macilenta da águia de Arcole e Rivoli; a sua cervilheira férrea de cavaleiro-cruzado tomava a fórma estranha do chapeu célebre do *Petit Caporal*, mais imponente e magestósa do que todas as corôas que lhe ornaram a cabeça; e o seu pesado montante medieval, que tão árduas pelejas sustentou para levantar uma Pátria, convertia-se na espada agil do soldado insigne de Austerlitz, de Iena e de Wagram, que tantas pátrias submeteu.

Que sorridente miragem a esbater-se num crepusculo doirado do belo sol peninsular!...

Mas Napoleão, para realizar o 18 brumário e para firmar o seu govêrno pessoal sôbre o cadaver sangrento da república de Marat e de Robespierre, que a Convenção enterrara e a que o Directório oferecera, por mortalha, uma dissolvente saturnal, Napoleão tem a aureolar lhe a fronte o rastro luminoso da Campanha de Italia, essa epopeia de génio e de glória sem paralelo nos anaes da guerra e da conquista, ainda que para o confronto se invoque a fama lendária de Cezar e de Alexandre; e havia ido receber a sua consagração de heroe com as famosas proclamações feitas junto das gigantescas Piramides do Egito, setenta vezes seculares, na terra sagrada dos Faraós, bêrço inicial e remoto da história da humanidade e da civilização do mundo.

Ora o sr. Sidónio Pais, pelo que respeita a tradição gloriosa de soldado, tão divorciado andava dela que, segundo a sua confissão numa entrevista dada ao *Diario Nacional*, para fardar-se de chefe militar, teve de pedir a Feliciano Costa o dolman, que vestisse, e ao próprio filho o capote, que envergasse, mandando pôr em um e outro os galões postiços de major; e, pelo que respeita a consagração, limitou-se sóbriamente ás proclamações banaes lançadas do Parque Eduardo VII, de junto das torres modestas da Penitenciária.

Agora me vem á memória, em saudosa reminiscência da minha infancia académica, o conceituado verso de uma das fabulas de Phedro:

Inops, potentem dum vult imitari, perit — o fraco sucumbe quando quere imitar o forte.

Não conheceis o conto? Eu vo lo narro em poucas palavras. Certo dia, em prado vicejante e florido, rã minuscula deparou-se com boi possante. Mordida de inveja ao confrontar a desproporção das duas corpulências, a rã infla a rugosa pele para atingir as dimensões do seu rival e, soberba de si, pregunta aos filhos qual dois é maior: «—O boi»— retorquiram êles. Irritada, envergonhada do insucesso da tentativa, a rã pretenciosa sopra-se mais e mais, e repete a pregunta. Os filhos respondem de novo em côro: «—O boi» —mil vezes o boi»—. Então alucina-se; e, querendo, num esforço maximo e desesperado, que já não é esforço, mas delirio, exigir à elasticidade da epiderme o que ela lhe não póde dar, rebentou e morreu.

Como a rã da fabula, o sr. Sidónio Pais quereria fazer da pele um balão para crescer, avolumar, tornar-se grande: pobre pigmeu, que em má hora sonhou ser gigante!

Na ocasião da segunda viagem, a que sua excelencia empreendeu ao sul do país, a metamorfose tinha-se realizado; de modo que a sua obcecação egocentrica ia expandir-se em abundante retórica de brindes por terras do Alentejo e do Algarve. Não era a linguagem nobre, serena e sóbria de quem, tendo-se nomeado chefe do Estado no decurso de uma crise tão grave interna e externa, fôsse expôr o seu plano de govêrno para a solução do tremendo problema social, económico, financeiro e de relações internacionais, fosse levar ao povo faminto, sacrificado, inquieto, palavras de esperança e promessas de amparo. Pelo contrário, era a linguagem caustica, apaixonada, truculenta, do polemista, do combatente e do demolidor, ardendo em sanha contra os partidos republicanos, proferindo o anátema da excomunhão contra o parlamentarismo, apregoando em aparatoso réclamo as virtudes excelentes e infalíveis do sistema presidencial.

Vida nova, gente nova, Poder novo! Maldição sôbre o passado; guerra aos seus homens, tábua rása na sua organização politica. A instituição parlamentar, falida; o

govêrno pela democracia, condenado. Como arrancar a República dêsse atoleiro, como salvá-la nêste paroxismo agonizante? Eis o penoso sacrifício a que o sr. Sidónio Pais se oferece. Não hesite; seguirá, intemerato, o caminho do seu calvário: abraçará intrépido, a cruz do seu martírio! será êle quem se imole para a regeneração da República, para remissão de todas as culpas. Duas condições apenas impõe para realisar o seu ideal messianico, mas essas indispensáveis, essenciais, imediatas: uma que o livre dos fariseus, os velhos republicanos organizados; a outra que lhe entregue o poder pessoal.

Parece, porêm, que a obra de evangelização e de esconjura não ficou completa e perfeita desta vez, indo por isso o sr. Sidónio Pais pôr lhe digno e eloquente remate no discurso pronunciado em Santarem, na visita com que fechou o ciclo da sua peregrinação. Aí foi admiravel na síntese das idéias, na apóstrofe contra os partidos, no puritanismo da sua catequese, no anceio comovedor com que colocou o problema político antes e acima de tudo.

Ouçamos um precioso trecho do *Sillabus* do exterminio: «Destruimos a demagogia? Talvez ainda não. Fizemos já alguma coisa para o conseguir, mas precisamos de nos acautelar. Não substituamos a demagogia de um partido pela demagogia de outro partido. A organização dos partidos que se formaram apoz a proclamação da República herdou, por atavismo, os defeitos dos partidos da monarquia. Ponhamos de parte esses processos e sigamos outro caminho».

Agora êste bocadinho de doutrinação, conciso como um mandamento, em que revelando a pureza de seus intuitos, o sr. Sidónio Pais se esqueceu todavia de que, tendo-se nomeado chefe do Estado, não podia decorosamente arvorar-se em chefe de partido nem fazer uma desleal concorrência ao sr. dr. Egas Moniz: «Formemos o partido dos homens de bem, dos que só teem por ideal o sacrifício pelo Bem da Pátria».— Não dizia eu há pouco que o Sidónio Pais, com inexcedivel nobreza de isenção, era um sacrificado pelo bem de todos nós?

Por último veja-se a preocupação com que êle primordialmente, quere dedoir a sua situação pessoal, alcançar o poder supremo para depois ter serenidade e tempo de se dedicar ao nosso bem, de olhar por nós, pela República, pela nacionalidade:— «Vamos para as eleições. A questão política, nêste momento, é primacial. Só depois dela cumprida se poderão atacar todos os problemas que assoberbam nesta conjuntura a nossa nacionalidade. O govêrno carece de fôrça e todos os que tiverem de dar-lha *deverão vestir as vestes brancas e puras* para poderem exprim-la perante as urnas».

Como isto é lindo, lirico, enternecedor! Um eleitorado de vestais e o sr. dr. Sidónio o Sumo Sacerdote!»

Ele o disse antecipando-se-nos! nós, os republicanos, a quem pôz fóra do grémio dos homens de bem não podemos comungar no altar inaculado da sua eleição com as nossas vestes sujas e policromas. A festa é só para êles, para *os que teem por ideal o sacrifício do bem da Pátria*. A nós é-nos vedado penetrar no templo, enquanto nos não purificarmos pelo exorcismos, pela penitencia, pela água lustral do baptismo. Então, sim; lá iremos, fátuos, de roçagantes vestes... puras e brancas.

Entretanto os acontecimentos seguem a sua marcha regular. Solucionada a crise ministerial pela saída do govêrno dos representantes da União Republicana e pelo empurrão que pretendeu dar se ao sr. Machado Santos, mas a que, vertiginosamente, em algumas horas apenas, se obviou, arrastando-o de novo para dentro da nau, que parecia ameaçada de séria tormenta,—o sr. Sidónio Pais, ficando á vontade, livre de quaisquer entraves, achou asado o momento para dar público testemunho da sua omnipotencia e da sua magnanimidade. Todos estão com êle; tudo lhe pertence; está formado *o partido dos homens de bem*, dos *seus* homens, dos que lhe garantem a eleição de presidente. Só falta distribuir-lhes as tais vestes brancas e puras. Coisa facil: duma penada decreta-se o sufrágio universal.

Não invento nem exagero. Basta lêr uns periodos do *relatório* do decreto de 11 de Março, que traça a larga órbita do seu vasto podério: «O govêrno... conta firmemente com a fidelidade da fôrça pública. Também o glorioso Corpo Expedicionário Português está em massa e incondicionalmente com a actual situação política. Todos os cidadãos, republicanos ou não republicanos, para quem a independencia e a integridade da Pátria preterem, nêste momento, quaisquer preocupações partidárias ou sectarias lhe dão o seu apoio lial e desinteressado».

Está feita a pacificação e realizada a unidade moral da familia portuguêsa; só falta pôr no Capitólio o pai comum.

Viva o presidencialismo!...

(Continúa).

Romaria da Lapinha

Nos dias 19 e 20 do corrente, realizar-se-há, na freguezia de S. Lourenço de Calvos, a antiquissima romaria de Nossa Senhora da Lapinha.

No dia 19, de tarde, duas bandas de música far-se-hão ouvir, e á noite haverá iluminações e fogo do ar pelos melhores pirotécnicos do concelho.

No dia 20, pelas 10 horas, começará a festividade religiosa, finda a qual sairá da capelinha onde se venera a miraculosa imagem da Virgem, uma procissão imponente.

Em seguida ao recolher da procissão, haverá de novo arraial, que se prolongará até altas horas da noite.

A meza da Irmandade da Lapinha solicitou do Sr. Arcebispo Primaz a devida licença para a vinda a Guimarães, no dia 7 de junho próximo, da chamada «Ronda»; no caso de não ser concedida tal licença, realizar-se-há então naquêle dia, na referida capela, outra festividade, que constará de sermão e missa cantada a instrumental.

A CENSURA

Está sendo tão desastradamente executada que o próprio orgão do govêrno a fulmina!

São da *Situação*, de 2 do corrente, as linhas seguintes em que se fustiga justamênte a censura, que se está fazendo no govêrno civil de Lisboa:

Os ilustres censores que no Terreiro do Paço riscam de azul e vermelho as provas do jornais foram, por certo, comprados pelos democráticos para colocar em má situação as empresas jornalísticas. Demoram ao seu dispôr, durante horas seguidas, as próvas que lhes enviamos, cortam notícias inofensivas, deixam publicar-se coisas tremendas, censuram nuns jornais o que noutros deixam sair. e quando estão de mau humor riscam uma notícia inteira, onde às vezes uma só palavra se não deve publicar.

Os ilustres cidadãos prejudicam o govêrno, prejudicam as empresas jornalísticas a quem fazem perder os comboios, e prejudicam o público, que gasta o vintenzinho da gazeta. Nós achamos justa a censura, como resposta à campanha deslial de certa imprensa. Não podemos, comtudo, tolerar abusos que só veem a recair sobre quem os exerce. Estamos certos que o govêrno ouvirá os nossos humildes queixumes e de que nunca mais teremos que voltar a êste maçador assunto.

O que se tem passado em matéria de censura é realmente inacreditável. A *Situação* tem, pois, razão protestando. Mas porque não ha de a *Situação* tomar a iniciativa dum movimento de imprensa de que saia o único gesto acertado da hora presente, e que seria o pedido de aplicação pura e simples da lei de 6 de Setembro de 1917?

Romaria e feira de S. Torcato

E' no proximo dia 19 do corrente que tem logar, no formoso local de S. Torcato, a chamada Romaria Pequena, á qual tem afluido, nos últimos anos, extraordinária concorrencia de forasteiros, para o que muito contribue, sem dívida, a feira de gado bovino, onde aparecem sempre, em grande numero, os melhores exemplares.

O programa consta do seguinte:

Na vespera da romaria, uma banda de música tocará durante a tarde, no local do Santuário.

Ao romper de alva, será a festa anunciada por girandolas de fogo.

Pelas 7 horas, a «Nova Filarmónica Vimaranense» e a «Boa União», depois de percorrerem diversas ruas da cidade, seguem para S. Torcato, onde tocarão, à chegada, em volta das avenidas que circundam o magestoso templo.

A's 10, terá logar a costumada festividade religiosa, havendo missa cantada a grande instrumental e exposição do Santissimo.

Ao meio-dia, duas bandas de música novamente deliciarão os romeiros, queimando-se muito fogo do ar.

A's 15 horas haverá um solemne «Te-Deum», sermão pelo eminente orador sagrado rev. padre Gaspar Roriz, em seguida ao qual sairá uma deslumbrante procissão com a imagem de S. Torcato no seu andor, um côro de virgens entoando cânticos alusivos, corpo clerical e, sob o pálio, a reliquia do santo lenho.

Depois da procissão, as bandas de música tocarão as melhores peças dos seus repertórios, queimando-se variado fogo preso e do ar.

Consórcio

Celebrou-se ontem, na igreja paroquial de Pombeiro, Felgueiras, o enlace matrimonial da ex.ma snr.a D. Maria da Madre de Deus Pereira Mendes, gentil filha do nosso estimado conterrâneo e acreditado comerciante sr. Joaquim Pereira Mendes e de sua ex.ma esposa, a sr.a D. Amelia Augusta da Silva Pereira Martins, com o sr. Manoel Martins Fernandes, bemquisto negociante, estabelecido á rua Egas Moniz, desta cidade.

Foram padrinhos, por parte da noiva, seus pais, e por parte do noivo, também seus pais, o sr. Francisco Martins Fernandes e sua ex.ma esposa, a sr.a D. Mafalda Neves Martins Fernandes.

As nossas felicitações sinceras.

CASA

Vende-se a casa de Domingos de Carvalho Prado, sita na rua de Camões, desta cidade.

Falar com Maria Joaquina, marchante, da rua de S. Paio.

AVA

ANTIGA GUARDASOLARIA

CARVALHO

Executam-se todos os concertos

Ao Guardasol Elegante!

154, R. República, 160 Guimarães

Juventude Católica

A Tuna da Juventude Católica de Guimarães realiza, á semelhança dos anos anteriores, no próximo domingo, o passeio anual á Penha, comemorativo da sua fundação, com o seguinte programa:

Pelas 6 horas da manhã dêsse dia sairá a Tuna, devidamente organizada, da sua séde, percorrendo as ruas da cidade em direcção á formosa montanha da Penha. Uma vez aí chegados, assistirão a uma missa por intenção dos valorosos soldados do exercito Português em campanha, finda a qual se organizará, junto a capela, uma peregrinação á Gruta de Nossa Senhora de Lourdes e ao Imortal Pontifice Pio IX, tocando a Tuna, durante o percurso, diferentes cânticos religiosos.

Cumprido êste acto, a Tuna dirigir-se-ha para o lado das casas da irmandade á espera do carro das munições, sendo anunciada a sua chegada por um repique e uma girandola de foguetes, executando a Tuna, nessa altura, o seu hino.

A Tuna dará dois concertos: um de manhã e outro de tarde.

Haverá diferentes divertimentos, entre êles uma corrida de bicicletas e jogo de foot bal com vários premios para os concorrentes.

No fim do pic-nic, a Tuna executará diversos descantes caracteristicos do nosso Minho.

Toda a gente estranha á tuna e que se queira inscrever como excursionista, pode fazê-lo todos os dias uteis, desde as 7 horas da tarde ás 11 da noite, na séde da Juventude, onde serão dados todos os esclarecimentos.

QUINTA

Para rendimento, compra-se grande ou pequena.

Falar na Praça de S. Tiago, n.º 31, desta cidade.

José A. Fernandes Guimarães

Partiu ontem para Vigo, onde embarca para o Brazil, aquêle considerado capitalista vimaranense, um dos grandes bemfeitores das instituições de caridade da nossa terra.

O nosso ilustre amigo conta demorar-se pouco tempo nas terras de Vera Cruz.

Que tenha feliz viagem, é o que sinceramente lhe desejamos.

NECROLOGIA

Faleceu em Gouveia, onde residia, a extremosa mãe do nosso amigo sr. Adelino Joaquim Neves, acreditado negociante desta praça.

Sentindo o golpe que o sr. Neves acaba de sofrer, enviamos-lhe, e aos seus, afectuosas condolências.

Ao público

João Vasco Cardoso Guimarães, proprietário da Mercearia de Traz de S. Paio e agente, nesta cidade, da casa Mota Marques, de Lisboa, aceita encomendas de carimbos, facturas, cartões de visita, sinêtes, notas de expedição, folhas de salário, etc.

Também se encarrega de adquirir quaisquer espécies de máquinas para todas as indústrias, como sejam debulhadoras, charruas, arados, moinhos, motores, bombas, etc.

Vende todas as espécies de sementes, quer nacionais, quer estrangeiras.

Modicidade de preços e rapidez na execução.

Agente da Companhia de Seguros «Mundelo».

COMPANHIA CONFIANÇA PORTUENSE

Sociedade Anonima de Seguros
Responsabilidade Limitada

Capital social... Emitido..... 810.000$00
Por emitir..... 190.000$00
Escudos..... 1.000:000$00

Séde: 20, rua Mousinho da Silveira, 22 —PORTO

Correspondentes nas principaes terras do país

Seguros contra fogo, raio, tumultos, grêves, roubos e guerra.
Seguros maritimos, fluviais, agricolas e postais.

SEGUROS CONTRA MORTE E ACIDENTES DE ANIMAIS, A TAXAS REDUZIDAS

Sinistros pagos por esta Companhia:

Escudos 1.235:330$98,2

Agente em Santa Marinha da Costa:
SIMÃO PINHEIRO
RUA EGAS MONIZ 35—GUIMARÃES.

Banco Popular Portuguez

Representante em Guimarães

JOSÉ JOAQUIM VIEIRA DE CASTRO

RUA DE S. DAMAZO—17

Realiza toda a espécie de operações bancárias. Excepcional intermediário para boa e vantajosa aplicação de capitais.

Acceita depósitos á ordem em concorrência com as caixas económicas.